



ENTRE CERVEJAS E HUBS: REABILITAÇÃO PATRIMONIAL EM LISBOA

ANA ELISIA COSTA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Arquitetura- R. Sarmiento Leite, 320 - Centro Histórico, Porto Alegre - RS, 90050-170/ (51) 3308-3116

<https://orcid.org/0000-0003-4829-5699>
ana_elisia_costa@hotmail.com

Recebido: 29/04/2021

Aprovado: 30/06/2021

RESUMO

Um projeto, ao ser assinado por um star-architect, ganha notoriedade. Espetacularizado, ele transcende o seu próprio gesto estético, comunicando e validando valores culturais e visões de mundo. Assume, assim, uma dimensão ética, cuja investigação é relevante por revelar formas de controle da cultura e da sociedade. No contexto desta reflexão, o estudo adota como objeto empírico o projeto midiático da Cervejaria Browsers Beato (2017), desenvolvido em Lisboa, sob a chancela de Eduardo Souto de Moura. A proposta se insere num projeto maior, o Hub Criativo Beato, que visa reabilitar um complexo pós-industrial e requalificar a própria zona oriental de Lisboa. Cervejaria, Hub e cidade, portanto, articulam-se como partes indissociáveis de um mesmo discurso que merece atenção. Analisar o projeto Cervejaria-Hub, numa perspectiva estética-ética, é o objetivo desse estudo. Pesquisas de campo e bibliográfica embasam a análise do contexto, a apresentação dos projetos e a prospecção de possíveis impactos sobre os tecidos físicos e sociais envolvidos. Universais e homogeneizantes, as soluções adotadas permitem pautar a necessidade de desconstrução de discursos e práticas, em favor de um projeto “justo”.

Palavras-chave: Patrimônio. Projeto. Cervejaria Browsers Beato. Hub Criativo Beato. Lisboa

ABSTRACT

A project, when signed by a star-architect, gains notoriety. Spectacularized, he transcends his own aesthetic gesture, communicating and validating cultural values and world-views. Thus, it assumes an ethical dimension, which investigation is relevant for revealing ways of controlling culture and society. In the context of this reflection, the study adopts as an empirical object the mediated project of Cervejaria Browsers Beato (2017), developed in Lisbon, under the seal of Eduardo Souto de Moura. The proposal is part of a larger project, the Hub Criativo Beato, which aims to rehabilitate a post-industrial complex and requalify the very east of Lisbon. Cervejaria, Hub and city, therefore, articulate themselves as inseparable parts of the same discourse that deserves attention. Analyzing the Cervejaria-Hub project, from an aesthetic-ethical perspective, is the objective of this study. Field and bibliographic research are the basis for the analysis of the context, the presentation of projects and the prospecting of possible impacts on the physical and social tissues involved. Universal and homogenizing, the solutions adopted allow to guide the need to deconstruct discourses and practices, in favor of a “fair” project.

Keywords: Heritage. Project. Cervejaria Browsers Beato. Hub Criativo Beato. Lisbon



INTRODUÇÃO

Em maio de 2018, diversos jornais de Lisboa noticiaram o evento de apresentação do projeto da Cervejaria *Browsers Beato*, do grupo Super Bock, realizado pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura¹, em parceria com o arquiteto Nuno Graça Moura. O projeto ocupa a antiga Central Elétrica do complexo fabril de Manutenção Militar (MM), na freguesia do Beato, em Lisboa. Esse, por sua vez, é alvo de um grande projeto de reabilitação como Hub, o Hub Criativo Beato (HCB). Habilmente divulgado pela mídia, o evento foi uma de muitas ações que buscam oferecer uma visão positiva do projeto do HCB como estratégia que se legitima por inserir Lisboa no cenário empreendedor global.

No evento, aos moldes do glamour da cultura do espetáculo (MONTANER, 2012; 2014), o “*star-architect*” apresentou o projeto dentro do próprio espaço a ser projetado para uma plateia composta por representantes de setores financeiros e da política, estando ausentes representantes da comunidade local. A despeito dessa ausência, Rui Ferreira, representante do Super Bock Group, menciona o desejo vago de envolvimento da “comunidade residente cervejeira”, referindo-se possivelmente ao *Lisbon Beer District*² em consolidação na região. Por sua vez, Miguel Fontes, representante do HCB, indica provavelmente o efetivo público alvo do empreendimento ao expressar a ambição de consolidar ali um “*ponto de encontro de empresários instalados*” (MOREIRA, 2018, n.p.).

Do evento, dos discursos e da ausência da comunidade local, podem emergir discussões que transcendem o próprio gesto estético do projeto em apresentação. Realizado como “produto para” e não “processo com” a comunidade e voltados ao público empreendedor, os projetos do HCB, entre os quais o da Cervejaria, poderiam indicar a prevalência de sua função econômica, em detrimento de uma possível função social?

Ao questionar os meios e os fins desses projetos, são pautadas reflexões éticas, ou seja, valores e visões de mundo que os sustentam e que, direta e indiretamente, controlam formas de ser e agir da sociedade (LARA, 2004). É no âmago dessas reflexões que também estão centrados alguns dos dilemas da Arquitetura e Urbanismo contemporâneos, exigindo dos arquitetos, tradicionalmente “prestadores de serviços” e demasiadamente afeitos à expressão estética do projeto, uma ampliação de consciência sobre as consequências do seu fazer ou um claro posicionamento ético, como sinalizado por Montaner e Muxí (2014, p. 38):

Se um arquiteto quiser ser reconhecido e aparecer na mídia a todo custo, ele se verá condenado a ser fiel aos poderosos e a adotar como impostura as mensagens que os meios e os grupos de pressão tendem a promover. Se quiser ser leal à sua função social, será forçado a superar as suas coordenadas profissionais, industriais e comerciais para poder fazer um trabalho autenticamente culto e crítico, multidisciplinar e coletivo que participe de projetos sociais e de cooperação. (MONTANER; MUXÍ, 2014, p. 38).

No contexto dessa reflexão, o presente estudo tem como tema projetos de reabilitação³. Como objeto empírico, adota-se o projeto do HCB para o antigo complexo fabril MM e, como parte indissociável dele, o da Cervejaria para a sua antiga Central Elétrica. Analisar tais projetos numa perspectiva estética-ética é o objetivo deste trabalho. Busca-se relacionar suas proposições espaciais e programáticas com os possíveis impactos sobre o tecido social envolvido. Para tanto, além de visitas à região ribeirinha e industrial do Beato e Marvila e ao complexo MM, recorre-se a revisões bibliográficas sobre intervenções patrimoniais e requalificações urbanas e sobre a área de estudo⁴. A partir desses procedimentos, o trabalho se estrutura em três

¹ Ilustram o argumento: Melo e Castro (2018); Moreira (2018); e Nunes (2018).

² Referência a três cervejarias – Dois Corvos, Lince e Musa – instaladas na freguesia de Marvila, vizinha ao Beato. (BRANCO; RODRIGUES, 2019).

³ “Reabilitação” é entendido como um conjunto de ações que incidem essencialmente sobre o território físico, por meio de obras de reconstrução, recuperação e renovação. Diferente, portanto, de “regeneração”, cujas ações buscam integrar intervenções físicas com medidas de coesão social, econômica e cultural (NEVADO, 2018).

⁴ O trabalho é parte de pesquisa de pós-doutoramento (2019-2020), junto ao ISCTE-Lisboa, supervisionado por Paulo Tormenta.

partes, em que são apresentados e analisados o contexto físico-social de inserção da MM, bem como os referidos projetos.

A análise sugere a adoção de discursos e soluções universais e homogeneizantes que, por muito tempo, têm incidido sobre o patrimônio, o planejamento e o projeto. Numa perspectiva de superação do dilema apontado por Montaner e Muxí (2014), busca-se levantar argumentos que possam alimentar discussões sobre o (re)significado de nossas teorias e práticas, em favor de um “projeto-justo”.

O entendimento de “projeto-justo” parte do reconhecimento de que qualquer ação projetual é, em si, conflituosa, potencialmente geradora de “danos”. Ao confrontar e privilegiar interesses entre individuais/coletivos, públicos/privados ou poderes vigentes/subordinados, a ação do projeto inclui/exclui sujeitos em torno daquilo que deveria ser compartilhado, o “comum” (RANCIÈRE, 2005). Sendo assim, um possível “projeto-justo” incidiria não só sobre o território físico, mas também sobre o território social, desenvolvendo reflexões-ações sensíveis ao desejo de coesão sócio-econômica-cultural na partilha-do-comum. Nesse contexto, destaca-se o envolvimento de “todos” os afetados na concepção-gestão do projeto, refutando pré-juízos de que alguns sujeitos são “incapazes” de pensar-atuar sobre o “comum”; e o questionamento de juízos consensuais (estéticos, culturais, legais) uniformizados pelas ordens vigentes, já que cada caso é, em si, dissensual, exigindo por isso um exame específico e contínuo. Por “projeto-justo”, entende-se, portanto, aquele que busca amalgamar dimensões estéticas-éticas em seu fazer.

CONTEXTO

Em Lisboa, a Rua do Grilo fica perto do rio Tejo, paralela à Av. Infante D. Henrique. Seu nome se relaciona à antiga Quinta dos Grilos, refúgio de nobres e palco de produção agrícola, onde, posteriormente, passou a funcionar o Convento das Carmelitas Descalças, conhecidas como “grilas”, e, mais tarde, a fábrica MM que se dedicava ao provimento de alimentação ao

Exército. Esa antiga fábrica é hoje objeto do projeto de reabilitação como HCB (Figura 1). Trata-se, portanto, de um território constituído por sobreposições sociais (nobres, religiosos, militares e empreendedores) e programáticas (quinta, convento, fábrica e hub criativo), transformações essas deflagradas por dois grandes estágios de decadência em que os Estados, um liberal (1820) e outro neoliberal (atual), interviram na área.

A primeira decadência e um longo estágio de (aparente) prosperidade

A zona oriental de Lisboa, historicamente, foi uma área de palácios para veraneio de nobres, área de produção agrícola, com hortas, vinhas e oliveiras, e, ainda, área em que se concentraram vários conventos religiosos. Afetados pelo grande abalo sísmico de 1755, conventos e palácios foram abandonados, consolidando o primeiro estágio de decadência da região.

Com a revolução liberal (1820) e a extinção das ordens religiosas em Portugal (1834), a porção ribeirinha desse território foi “reabilitada” com a ocupação das ruínas por atividades fabris que se beneficiavam da proximidade com o rio, o porto e a estrada-de-ferro (1856). Neste contexto, o antigo Convento da Grilas foi ocupado pela Fábrica MM, em 1897 (JFB, n.d.).



Figura 1: Localização, vista superior e aérea. HCB. Lisboa. Fonte: Google Earth (adaptação na base: da autora).

Ao longo do século XX, esse território se transformou em uma importante periferia industrial de Lisboa. Fábricas, armazéns e habitações operárias multiplicaram-se na paisagem do Beato e Marvila. Com diferentes níveis de precariedade, operários se acomodaram em edificações adaptadas, vilas operárias, “pátios” e bairros informais. Apesar de experiências isoladas dos anos 1940, como o conjunto Madre Deus, só nos anos 1960 o poder público investiu em larga escala em habitações de baixo custo. Em paralelo, essa classe operária se organizou em movimentos associativos, assistenciais ou ligados às lutas operárias e à cultura, que podem revelar uma cultura colaborativa local (JFB, n.d.; REIS E SILVA, 2019).

Neste contexto físico e social, a MM foi implantada, envolvendo inúmeras alterações arquitetônicas e urbanísticas ao longo do tempo. Antigas construções das Grilas foram demolidas e a fábrica se expandiu para norte, além da Rua do Grilo, e para sul, sobre sucessivos aterros do Tejo. Nos anos 50, com a construção da Av. Infante D. Henrique, os limites do complexo foram redefinidos.

Nesse território expandido e recortado, novos edifícios foram construídos, seguidos de outros que, por sua vez, foram objeto de complexas alterações (adaptações, demolições e substituições) que buscaram incluir novos programas e aprimorar a linha de produção da fábrica. O seu complexo e “mutante” programa envolvia Fábrica de Moagem-Refeitório-Cozinha, Central Elétrica, Fábrica de Pão-Massa-Bolacha, Refinaria de Açúcar, Fábrica de Fritos, Torrefação-Moagem de Café, Depósito de Farinhas, Confeitaria, Fábrica de Conservas- Serração-Latoaria e Fábrica das Carnes (pocilga, matadouro, talho e salsicharia). Soma-se a esses usos, instalações e equipamentos, como as linhas de vagonetas entre edifícios, o aspirador de cereal entre cais e silos (1923) e o transportador aéreo (1929) (HCB, 2018).

Esse processo de mudanças teve especial ênfase nos anos 40, com a Segunda Guerra Mundial, e nos anos 50 e 60, com a guerra colonial. Com o fim das guer-

ras e, especialmente, com a revolução de 1974, a MM foi reorganizada e redimensionada. Após breve apoio a grupos destacados em países estrangeiros nos anos 1990, a fábrica foi encerrada em 2011.

Desse processo, resulta um conjunto com grande extensão, com 35.000 m² e 20 edifícios entre a Rua do Grilo e a Av. Infante D. Henrique. Três ruas internas longitudinais organizam e servem edificações internalizadas e edificações periféricas rentes à calçada (na Grilo) ou com pequeno recuo frontal (na Infante D. Henrique). Essas edificações, por sua vez, expressam diversas tipologias e soluções construtivas e apresentam distintos estados de conservação e demandas de reabilitação (Figura 2).

A segunda decadência e novas investidas

A desativação da MM não decorreu apenas da obsolescência de sua produção, mas faz parte de um longo processo ligado ao fenômeno global de desindustrialização e reposicionamento dos grandes complexos industriais e portuários, observado a partir dos anos 1970-80 (OCHOA, 2015). Assim como a MM, galpões, infraestruturas e vilas operárias de Marvila e do Beato foram sendo abandonados ou subutilizados a partir desse período, levando à escassez de trabalho e ao agravamento de problemas sociais e urbanos.

A partir do final dos anos 1990, contudo, surgem iniciativas de reabilitação da Zona por parte do estado neoliberal que, com base na economia e turismo, procuram inserir Lisboa no mapa global dos grandes investimentos. É nesse contexto que se insere iniciativas como o projeto da EXPO98 e, mais recentemente, do próprio HCB, legitimadas pela necessidade de dinamização econômica da região.

Em paralelo, especialmente a partir da década de 2010, são observadas iniciativas privadas “alternativas”. Especialmente em Marvila e parte do Beato, jovens, excluídos dos altos custos dos imóveis no centro de Lisboa, encontram nos antigos edifícios fabris lugares para trabalhar. Eles consolidam ali um parque temá-



Figura 2: Vistas dos arruamentos internos. HCB. Lisboa. Fonte: da autora.

tico voltado à cultura e ao lazer. São casas noturnas, galerias, ateliês, coworkings, cafés, bares e restaurantes que exploram uma estética decadente, ao gosto do público hipster ou cool (COSTA, 2020) (Figura 3).

Assim como territórios pós-industriais de outras partes do mundo, a Zona Oriental de Lisboa passou a ser alvo de agentes culturais, ávidos por intervir em “ruínas” que revelem a deterioração da vida urbana; de investidores, desejosos por imóveis baratos, baixos investimentos e rápido retorno; e, por fim, do poder público, “benevolente” reabilitador urbano, atento à injeção de capitais internacionais.

Explorando uma atmosfera saudosista e/ou esteticizando a decadência, essas intervenções envolvem um lento apagamento de memórias-existent e uma invenção de memórias-consumíveis, o que transforma o valor-de-culto do seu patrimônio em valor-de-exibição. Surgem, então, parques de diversão teatralizados, tematizados e turistificados. Essa turistificação, por ser dissimulada, debilita redes sociais e comunitárias que não conseguem opor-se aos projetos em andamento, levando ao gradativo processo de gentrificação⁵ (LI-

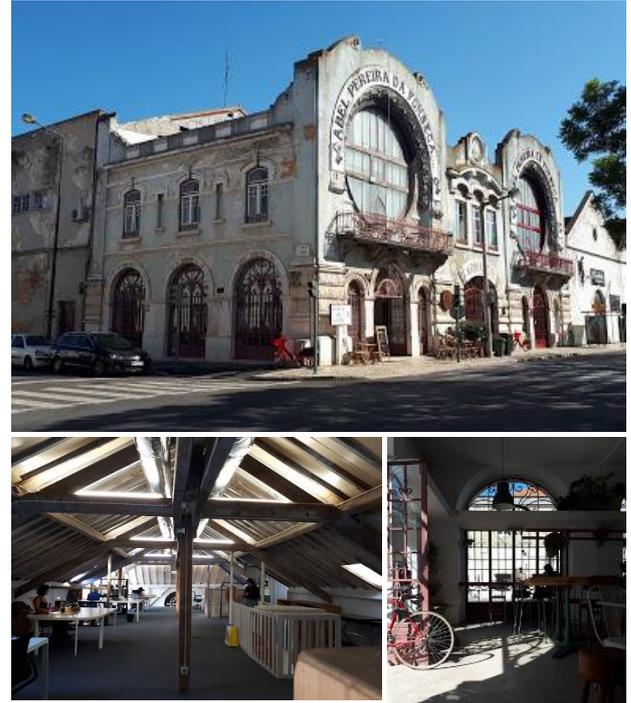


Figura 3: Antiga Fábrica Abel Pereira da Fonseca, hoje Lisbon WorkHub e Café The Royal Ranness. Lisboa. Fonte: da autora.

POVETSKI; SERROY, 2015; KENDZIOR, 2014; MANTANER; MUXI, 2014). O projeto 22@, em Barcelona, pode ilustrar o fenômeno, onde a memória industrial do Poblenou foi apagada sob o discurso de recriação de uma zona industrial “sustentável”, ligada à “tecnologia e inovação” (MANTANER; MUXI, 2014), tal como proposto no Beato.

2. O HUB CRIATIVO DO BEATO

Do Projeto

Em 2016, o conjunto da MM no referido trecho entre a Rua do Grilo e a Infante D. Henrique, então propriedade do Estado português, foi cedido ao Município de Lisboa pelo prazo de 50 anos. A cedência contemplava a reabilitação do complexo para acolher a sexta edição da Web Summit, maior conferência europeia em tecnologia da internet, potenciando a consolidação ali de um polo cultural, tecnológico e turístico, o HCB (HCB, 2018). A concepção do projeto foi delegada à

⁵ Movimentos sociais de resistência ao cenário devem ser mencionados, como o Habitual e o Stop Despejos!

Start Up Lisboa, uma empresa público-privada⁶ que, como “ator intermediário”, possui autonomia para tomar decisões, perante até mesmo o departamento de planejamento municipal (LÖNNERVALL; SUNDELL, 2018).

Segundo seu memorial (HCB, 2018, n.p.), o Hub objetiva ser “o maior centro de empreendedorismo em Portugal e um dos maiores da Europa”, um polo de atração e retenção de talentos e empresas ligadas a três setores — empreendedorismo, inovação-conhecimento e indústria criativa —, que contribuirá para posicionar Lisboa “com o que de mais inovador e contemporâneo está a acontecer a nível internacional”. Objetiva ainda ser um agente mobilizador do processo de revitalização da zona oriental da cidade.

Com um discurso de “*acesso de todos*”, são traçadas estratégias de *permeabilidade e acessibilidade*, explorando o HCB como lugar potencial de encontro, circulação, representação coletiva e também de “consumo”. Nessa perspectiva, a proposta se limita a “intenções” de intervenções físicas, entendidas como ainda merecedoras de aprofundamento — redução do perfil e abertura de novas ruas; abertura e qualificação de peatonais; adoção de transportes públicos e “mobilidades sustentáveis” de deslocamento; e estacionamento público para atender ao HCB e a demandas já sensíveis na região.

Quanto ao programa de necessidades, o complexo envolverá: *Espaços de trabalho*, voltados ao empreendedorismo, inovação e conhecimento e indústria criativa; *Espaço museológico*, dedicado à memória da MM; *Espaço de comércio*, destinados a venda, prestação de serviços, alimentação e usos necessários ao Hub; *Espaços de habitação*, com residenciais especiais, como co-living; e *Espaços administrativos, áreas técnicas e estacionamento* (Figura 4). Estão previstos ainda espaços para mega-empresas globais, como a Factory (centro de empreendedorismo e inovação sediado em Berlim), o Hub Digital Benz-Daimler (da montadora Mercedes), além das referidas Web Summit, Start Up Lisboa e do Grupo Super



Figura 4: Proposta de usos. HCB. Lisboa.
Fonte: HCB (2021).

Bock, que assumiu a agenda cultural do complexo (HCB, 2018).

Da crítica

Pelo discurso, escala e público do HCB, ele deve ser entendido como parte de uma estratégia de competitividade urbana global, não sendo desprezíveis os seus possíveis impactos sociais e econômicos em Lisboa. Apesar de uma visão otimista sobre ele, percebido como um sucesso cultural e econômico e como caso exemplar de “integração” das comunidades local-global e pública-privada (NEVADO, 2018; NEVADO; ANDRÉ, 2018), críticas negativas às dimensões sociais e urbanas da proposta começam a despontar nos três últimos anos (SCALZOTTO, 2020a; 2020b; LÖNNERVALL; SUNDELL, 2018; GENNARI, 2018). Apesar de ainda pouco numerosas, essencialmente, tais críticas denunciam o HCB de negligenciar valores sociais em favor do valor de troca, como ocorre em tantos outros projetos guiados pela economia neoliberal. Nesse contexto, o Hub estaria privilegiando o “talentoso” público estrangeiro em suas ações e o seu discurso de revitalizar a cidade estaria sendo usado apenas para legitimar investimentos de setores específicos. Dessa maneira, por se apresentar pouco sensível à resolução de problemas locais, a proposta leva os autores a prospectarem o surgimento de negativos efeitos colaterais.

⁶ Associação, sem fins lucrativos, entre Município de Lisboa, Montepio Banco e Agência Portuguesa para a Competitividade e Inovação, criada em 2011 (HCB, 2018).

Apoiando-se nessas críticas e as ampliando, são reexaminados aqui dois atributos destacados no memorial do projeto: “inclusivo e integrador” (HCB, 2018, n.p.). Busca-se identificar como os mesmos se expressam nas propostas de uso do espaço público e no programa de necessidades aqui apresentados.

A abertura dos espaços ao público, segundo o memorial “em particular à comunidade local” (HCB, 2018, n.p.), é relevante, dado ao número reduzido de espaços públicos na região (LÖNNERVALL; SUNDELL, 2018). Para além do acesso físico, contudo, pode-se questionar se a população empobrecida local terá efetivo acesso aos serviços ali oferecidos, já que não contemplam a capacidade de consumo de várias faixas da população, como já observa Gennari (2018), bem como os perfis de empreendedores buscados estão pouco ligados à realidade da cultura local. Por outro lado, a incipiência das soluções para o sistema viário-transportes não parece se responsabilizar pelos já sérios problemas de ligação da região oriental de Lisboa com o restante da cidade (OCHOA, 2005) e, com a previsão de grande fluxo de usuários, há perspectivas de agravamento do quadro⁷.

No que tange ao programa, apesar de mencionada a inserção da “economia local”, não são contemplados espaços físicos ou mecanismos para esse fim. Considerando perfis e vocações da comunidade local — carente, polarizada entre jovens marginalizados e adultos envelhecidos, com uma herança associativa e, hoje, ligada a pequenos comércios, serviços e poucas atividades fabris —, não são apontadas oportunidades de ativação social ou ofertas de atividades formativas e econômicas voltadas a esse público, condição essa fundamental para ascendê-lo social e economicamente (LÖNNERVALL; SUNDELL, 2018; GENNARI, 2018).

Tão pouco essa comunidade, bem como agentes culturais de Marvila, reconhecem um convite efetivo do HCB para participarem do seu processo de implementação (NUNES; POGGEMANN; POMESA-

NO, 2020; LÖNNERVALL; SUNDELL, 2018). Essa falta de diálogo na construção de um “comum” e de sua partilha (RANCIÈRE, 2005) pode ser entendida como uma das maiores ambiguidades do projeto, já que uma comunidade criativa não se constitui só a partir de “tecnologias e talentos”, como proclama o HCB, mas também a partir da “tolerância” a diversidades de ideias, étnicas, socioeconômicas e culturais (SCALZOTTO, 2020-b; GENNARI, 2018).

Ilustra esse argumento, o recente projeto do complexo — “A Praça” —, um mercado alimentar ou “*mega mercado de restaurantes*” (GUERREIRO, 2020, n.p.), que ocupa dois edifícios com 1700m². Com assinatura “internacional” do escritório *Broadway Malyan Portugal*, o programa envolve bancas, comedouro público, restaurantes, lojas, escola e, no espaço externo, esplanadas e hortas, seguindo um “modismo” de *gourmetização* dos mercados. Guiada pelos conceitos “sustentabilidade, inovação e social”, a Praça busca oferecer produtos de excelência da tradição portuguesa vindos de pequenos e médios produtores ligados à agricultura sustentável, elencados de várias partes do país. E, para contemplar a “integração” com a comunidade do Beato, propõe, de modo assistencialista, uma Bolsa Refeição Social para famílias carentes (HCB, 2020). A iniciativa, portanto, despreza potencialidades locais, como por exemplo, o cultivo de hortas espontâneas que salpicam os territórios do Beato e Marvila (ADAGÓI, 2015), cujos agentes poderiam ser capacitados para a referida “produção-de-qualidade”. Por outro lado, com as identidades “portuguesa e ecológica”, os produtos oferecidos pela Praça são atrativos certos para o consumo de jovens globais, empreendedores, culturalmente experientes e endinheirados (SCALZOTTO, 2020B), o que não inclui os locais.

Ainda no que se refere ao programa, o tema habitacional merece especial atenção. A despeito dos inúmeros problemas habitacionais e dos crescentes processos de gentrificação de Lisboa (NEVADO, 2018), a proposta é, quantitativamente, tímida. Apenas um de seus edifí-

⁷ O tema também foi alertado por um morador da região às autoridades presentes no evento em que participei — Zona Ribeirinha de Marvila. Que Futuro? —, ocorrido no Clube Oriental de Lisboa, no dia 23 de janeiro de 2020.

cios será dedicado à colivings ou residências partilhadas, direcionadas somente aos hóspedes do HCB. Esse fato, somado à perspectiva de especulação imobiliária do Beato com a implantação do HCB, indicam que a freguesia poderá ser o próximo alvo da gentrificação lisboeta (SCALZOTTO, 2020-a, 2020-b; LÖNNER-VALL; SUNDELL, 2018; GENNARI, 2018).

Esse baixo investimento ao tema habitacional pode ter motivações econômicas, visto que a compartimentação do programa, demandas de instalações de ventilação-iluminação e exigências de acabamentos internos de fácil manutenção são mais onerosos, se comparados às simples adaptações de plantas-livre e rusticidade de acabamentos assimilados por outros programas (GUIDOLIN, 2016). Em paralelo a isso, a habitação em larga escala é promovida em novos e rentáveis empreendimentos privados, estimulados por instrumentos legais e estratégias de marketing que, tal como HCB, apoiam-se na figura de arquitetos pop-star e/ou na imagem do patrimônio local. Ilustra esse argumento o Complexo Jardins Braço de Prata (1999-2011), em Marvila, do arquiteto Renzo Piano, cujo projeto com 500 habitações de luxo descaracteriza as tipologias industriais da freguesia e, pelo perfil dos possíveis consumidores, criará um gueto social (COSTA, 2020).

O projeto do HCB, portanto, não pode ser analisado isoladamente. Faz parte de uma estratégia urbana mais ampla, neoliberal, que usa a cidade para a circulação de capital e a habitação como mercadoria e que, a despeito de um discurso “inclusivo e integrador”, é indiferente a possíveis problemas urbanos e sociais. É nesse contexto que se insere a Cervejaria Brewers Beato.

3. A CERVEJARIA

Regra do jogo — patrimônio e intervenção

Isoladamente, os edifícios do conjunto não possuem valores arquitetônicos de inovação e raridade. No “Auto de Cedência” do complexo à municipalidade, são entendidas como essenciais à identidade do núcleo as fábricas de Pão, Bolachas e Moagem e, na listagem da Carta Municipal do Patrimônio, constam apenas a

Central Elétrica (1921) e o Convento das Grilas (Séc. XVII e XVIII), o que, hipoteticamente, imporia às intervenções nesses edifícios a avaliação e a vistoria do município.

A despeito de atributos individuais, o HCB considera que o conjunto — edifícios e infraestruturas — possua valor histórico e urbanístico, pelo seu legado industrial, e valor sócio cultural, pela memória coletiva social. Assim entendidos, sobre eles são permitidas *alterações e ampliações*, quando impostas adaptações de uso e exigências legais. Nesses casos, baseando-se em cartas patrimoniais, a identidade e a integridade arquitetônica deverão ser garantidas pela legibilidade do novo, do reconstituído e do antigo, pela conservação dos elementos estruturantes dos espaços pré-existentes e pela interpretação e evocação das antigas funções, retendo os seus significados. *Demolições*, total ou parciais, também são permitidas, quando o estado de degradação ou precariedade estrutural dos edifícios não permitirem a sua recuperação e/ou reabilitação ou quando permitem a “valorização do imóvel”. Além dos edifícios, equipamentos e infraestruturas fabris devem ser preservados, documentados e musealizados.

Em todos os casos — construção, ampliação e alteração —, busca-se respeitar características morfológicas e tipológicas existentes, mantendo alinhamentos e adotando medidas de restrição de alturas. Assim, são privilegiadas intervenções no interior dos edifícios e nas fachadas (vãos para acessos, escadas e elevadores externos). As alterações de volumetrias ocorrem de modo sutil — elevações de coberturas para criação de novos pisos e terraços; acréscimos de 1 a 2 pisos; e eliminação de alguns anexos. No caso de novos edifícios, é buscada a harmonização com alturas adjacentes e a exploração de visuais.

Um diagnóstico oferecido pelo HCB orientaria as intervenções. Nele, constariam documentação histórica, levantamento arquitetônico e estados de conservação e patologias, com indicação dos elementos notáveis e dissonantes e recomendações quanto ao que proteger, demolir ou substituir. As empresas instaladas seriam autônomas e responsáveis pelo projeto e obra, cujos

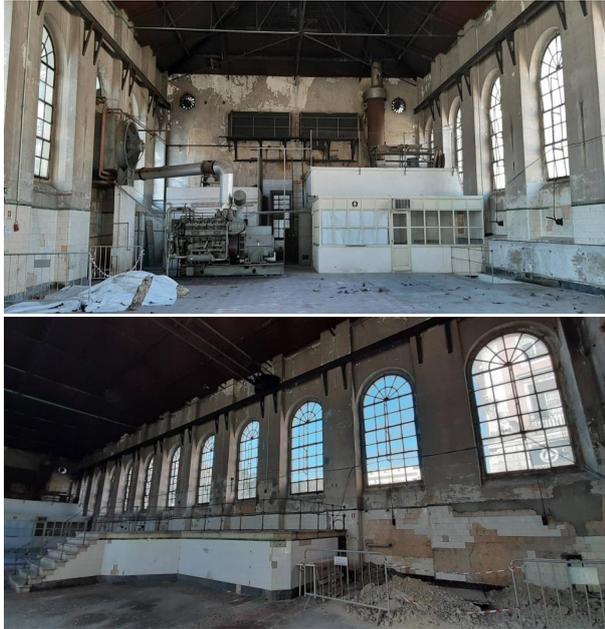


Figura 5: Vistas internas. Central Elétrica. HCB. Lisboa.
Fonte: da autora.

custos seriam deduzidos no pagamento do aluguel do espaço, cedido em longa duração.

A proposta funcional e estética

A cervejaria ocupa a Antiga Central Elétrica, com 700 m², listada na Carta Municipal do Patrimônio, como citado anteriormente (elemento 6 — Figura 4). Trata-se de um pavilhão de grande qualidade espacial — uma nave longitudinal, com pé-direito alto, articulada pelo ritmo de janelas e tesouras e pela cadência da luz. Plataformas e maquinários revelam suas funções originais. A qualidade das cores e texturas originais soma-se à pátina do tempo que emerge de suas paredes descascadas e da ferrugem de seus equipamentos (Figura 5).

Segundo Souto de Moura (MOREIRA, 2018, n.p.), buscou-se manter a traça original do edifício, explorando pormenores no seu interior. *“A casca é feita numa linguagem antiga. O interior é moderno, porque tem de ser”*. O projeto obedece, assim, premissas estabelecidas pelo HCB para a preservação das volumetrias originais, contemplando ainda a demolição de anexos na fachada sul para reabertura de porta original e a abertura de um portão na fachada norte (Figura 6).



Figura 6: Vista externa e Maquete. Cervejaria Browsers Beato. Souto de Moura e Graça Moura. 2017. Lisboa.
Fonte: da autora; Moura (n.d).

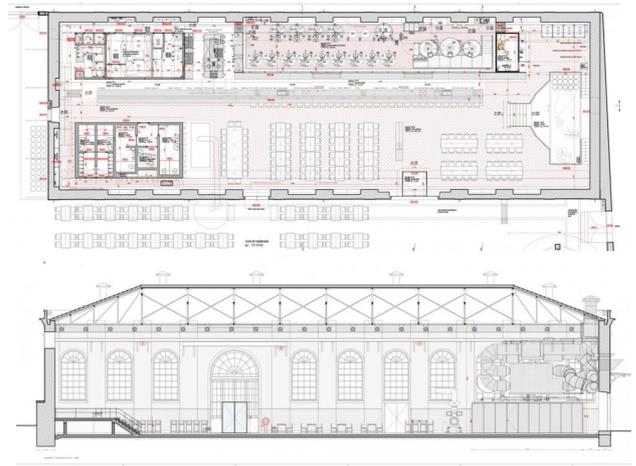


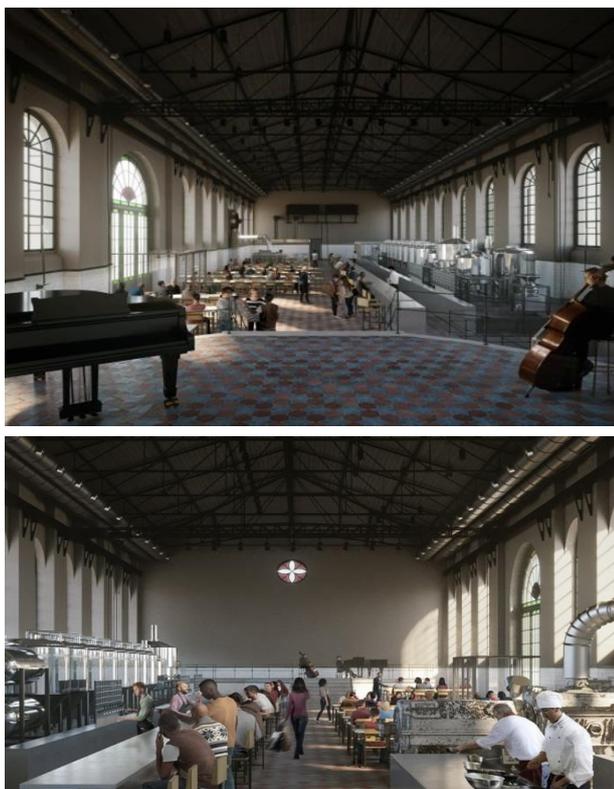
Figura 7: Planta-baixa e corte. Cervejaria Browsers Beato. Souto de Moura e Graça Moura. 2017. Lisboa.
Fonte: Moura (n.d).

O arranjo espacial é organizado por um longo balcão longitudinal que separa áreas públicas (restaurante/bar, espaço de eventos e sanitários) e privadas (cozinha, despensa, zonas de preparação e micro-cervejaria). As duas plataformas existentes são preservadas: a longitudinal apoia a micro-cervejaria; e a transversal-norte, o palco para apresentações e projeções de filmes. Na área externa, uma esplanada volta-se ao complexo do Hub (Figura 7). O programa, articulado a partir da planta livre, é flexível e acata a ideia de “lugar” na contemporaneidade, como sugere Montaner (2012), com foco em acontecimentos dinâmicos e de fluxos efêmeros.

Esse arranjo demonstra uma inquestionável sensibilidade ao reconhecer e preservar as qualidades espaciais do edifício e a identidade fabril expressa nas plataformas e maquinários. Assim, apela não só aos atributos tipológicos do espaço, mas também aos elementos que se ligam ao arquétipo industrial.

Nos acabamentos, o restauro de lambris, azulejos e mosaicos das paredes e o uso de ladrilhos hidráulicos nos pisos, com desenho e cores idênticos aos existentes, resgatam a atmosfera original do edifício, a despeito de poderem ser questionados quanto à legibilidade deles na pré-existência. As juntas abertas e o isolamento acústico do forro e os vidros duplos laminados nas janelas de ferro evidenciam iguais cuidados com a integridade do edifício e a adequação ao condicionamento térmico.

Esteticamente, as novas instalações mecânicas são aparentes, junto ao teto e fachadas. O aço inox da fábrica de cerveja e dos volumes da cozinha, balcão e sanitários se contrapõem, formal e construtivamente, às pré-existências. O desnudamento, a “verdade dos materiais” do pragmatismo modernista, ganha expressão formal (DIEZ; DI PECO, 2013). Por outro lado, todas as intervenções podem ser subtraídas em eventuais intervenções futuras, sem comprometer a integridade original do edifício. Garante-se, assim, a legibilidade e a reversibilidade sugerida pelas cartas patrimoniais (Figura 8).



A proposta se desenvolve sem o apelo de soluções de sucesso na sociedade do espetáculo, como os containers midiáticos e interativos que, muitas vezes, tornam imperceptíveis a espacialidade da pré-existência (MONTANER, 2012). Tampouco explora o modismo da aparência “decadente”, com materiais baratos ou elementos sucumbidos pelo tempo que rememoram um passado nostálgico, como tem ocorrido em Marvila e como os elementos faltantes e as ferrugens da Central Elétrica poderiam sugerir (COSTA, 2020; DIEZ; DI PECO, 2013; HUYSSSEN, 2006).

Em certo sentido, a proposta é ainda produto simbólico da cultura moderna — “sacraliza” esteticamente o objeto e, ao recorrer a materiais nobres, pretende garantir o aspecto do eternamente novo, do bem executado (MONTANER, 2012). Um possível contraponto conceitual a isso na contemporaneidade seria aquele sugerido por Diez e Di Peco (2013) — em que a sacralização do objeto é abdicada em favor de soluções econômicas, socialmente justas e, por vezes, aparentemente rústicas ou sustentáveis?

Crítica — Entre o estético e o ético

Esse argumento do “socialmente justo” é aqui salientado e ampliado, visto que trama questões estéticas e éticas que este estudo persegue. Na perspectiva já defendida na introdução, o projeto não deveria se restringir ao enfoque de temas estéticos nos limites de um invólucro, mas abranger também reflexões e ações sobre os “inevitáveis danos” desse gesto no contexto físico-social de sua inserção. Assim entendido, projetos de reabilitação passariam a assumir alguma perspectiva ética de requalificação, quando apoiados no envolvimento de todos atingidos e numa reflexão caso-a-caso, questionadora de valores universalizantes (NEVADO, 2018; RANCIÈRE, 2005).

Figura 8: Perspectivas. Cervejaria Brouers Beato. Souto de Moura e Graça Moura. 2017. Lisboa. Fonte: Moura (n.d).

Em reportagem de Melo e Castro (2018, n.p.), Fernando Medina, da CML, expressa o desejo que as zonas industriais de Lisboa assumissem ideias “novas”, tal como as de Londres e de Nova Iorque, e Souto de Moura afirma que, para fazer o projeto, foram feitas visitas a micro-cervejarias de várias cidades — *“Fiquei encantando com as cores das cervejas e gostava muito que aqui pudesse haver uma linha de lojas, ligadas a este universo e com produtos complementares”*.

Os discursos do político e do arquiteto, portanto, revelam a adoção de modelos standards, importados e, essencialmente, distantes da realidade local. São, contudo, modelos compatíveis com as ambições comerciais de grandes marcas e empresas portuguesas. A Super Bock, junto com outras marcas internacionais, assume o papel de promoção de uma “cultura” cervejeira. A Multifood, que representa as marcas Vitaminas, Wok-to-Walk, Pizzaria Zero-Zero e Hambúrgueres Honorato (MOREIRA, 2018), assume a praça de alimentação. Como no projeto “A Praça”, são oferecidos aqui produtos “de excelência”, pasteurizados, *gourmetizados*, e prontos para um consumo fácil e caro.

Seria esse modelo de “negócio” adequado ao Beato? Numa perspectiva ética e comprometida socialmente, a Cervejaria não fragilizará as pequenas cervejarias e os restaurantes locais? Não poderia ela mesma ser um agente promotor desses pequenos negócios ou uma articuladora de capacitações e geração de rendas? Não criará um gueto de consumo que excluirá a comunidade local? Para além da Cervejaria, a fala de um dos gerentes do HCB responde parte dessas questões — o processo garantirá a sobrevivência de poucas pequenas empresas locais, apenas aquelas “aptas”, por exemplo, com domínio do inglês, o que, contudo, não se constitui um problema para o HCB, visto que não são “assistentes sociais” (SCALZOTTO, 2020-a).

A solução entrega-se, assim, a modelos e modismos, abdicando de gerar as suas próprias soluções, relacionadas à cultura, às técnicas e aos recursos materiais e humanos locais. Como observa Montaner (2012), o imperialismo cultural converte soluções em produtos

multinacionais impostos a contextos distintos, consolidando “não-lugares” que, tematizados e dedicados ao turismo e ao consumo individualista, não cria interrelações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos projetos da Cervejaria e do HCB oportuniza levantar questões relativas ao papel ético-estético da atuação do profissional do arquiteto e urbanista. São indiscutíveis as valiosas lições de Souto de Moura no projeto da Cervejaria, assim como são (potencialmente) relevantes as intenções do projeto do HCB de dinamizar a região oriental de Lisboa, mas, além das lições e intenções, a condição contemporânea parece exigir a reflexão das suas consequências sociais e políticas.

Nesse sentido, as duas propostas sustentam ambiguidades. O projeto da cervejaria não elimina a condição de “lugar” da antiga Central Elétrica, ressaltando as suas qualidades estéticas por meio de cuidados inquestionáveis com a intervenção, mas sustenta também a condição de “não-lugar”, eticamente descomprometida com o contexto social em que se insere. O mesmo se dá no projeto do HCB. Seu discurso de reabilitação urbana encobre o interesse de atrair investimentos globais, desconsiderando atores locais, o que perspectiva o agravamento de problemas sociais e urbanos do Beato e, conseqüentemente, de Lisboa. A proposta para a cervejaria sacraliza o seu objeto, o “cliente” e a figura mesma do star-architect, a do HCB sacraliza investidores, ambos enlaçados pela arquitetura do espetáculo. Instala-se, portanto, em distintas escalas, mais um dos muitos territórios contemporâneos em que “lugares e não-lugares entrelaçam-se, complementam-se, interpenetram-se e convivem” (MONTANER, 2012, p. 49).

O diagnóstico dessa ambiguidade, para além de uma simples denúncia, revela ser uma oportunidade para ampliar reflexões sobre o projeto “justo” e suas demandas por um posicionamento ético do arquiteto e/ou a tomada-ampliação de consciência das consequências éticas do seu fazer. Espera-se, assim, cons-

truir bases projetuais mais sólidas que permitam (des) construir discursos e práticas estabelecidos, bem como soluções universais e homogeneizantes que, por muito tempo, tem incidido sobre o patrimônio, o planejamento e o projeto.

REFERÊNCIAS

ADAGÓI, Maria Inês Martins. Os Alimentos que vêm dos Vazios. As Hortas Urbanas Dispersas e Serviços de Ecossistema. Caso de Estudo dos Bairros da Freguesia de Marvila, Lisboa. 2015. 114f. (Mestrado em Arquitetura Paisagista). Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, 2015.

BRANCO, Miguel; RODRIGUES, Luís Filipe. Marvila: o Lisbon Beer District. TimeOut, Lisboa, 05 fev. 2019. Disponível em: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/coisas-para-fazer/marvila-e-o-novo-lisbon-beer-district>. Acesso em: 10 fev. 2021.

COSTA, Ana Elísia da. Decadência com Elegância: estética e consumo da habitação em tempos de crise. Cadernos Pós. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, São Paulo, v. 2, n.2, p. 24-41, 2020.

DIEZ, Fernando; DI PECO; Martín. A forma do Informalismo. Summa +, Buenos Aires, n. 130, p. 90-97, ago. 2013.

GENNARI, Carlotta. Regeneração Urbana, Cidade Criativa e Gentrificação: Estudo do caso de Marvila em Lisboa. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v2, n6, p. 113-123, nov. 2018.

GUERREIRO, Adriano. A Praça: o novo mega mercado de restaurantes que vai abrir no Beato. NIT, Lisboa, 12 out. 2020. Disponível em: <https://www.nit.pt/comida/restaurantes/a-praca-o-novo-mega-mercado-de-restaurantes-que-vai-abrir-no-beato>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GUIDOLIN, Francesca. Improving Strategies for Functional Upgrade for An “Integrated Rehabilitation”. IN: 3rd International Academic Conference On Places And Technologies, 2016, Belgrado. Anais... Belgrado: University of Belgrade, 2016, p. 687-750. Disponível em: <http://www.placesandtechnologies.eu/wp-content/uploads/2016/04/>

Book-of-Proceedings-_-Digital_-687-750.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

HCB - HUB CRIATIVO DO BEATO. Hub Criativo Beato. Memória Descritiva e Justificativa do Projeto Global para o Hub Criativo do Beato. Lisboa, jan. 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/175515436-Projeto-global-para-o-hub-criativo-do-beato.html>.

HCB - HUB CRIATIVO DO BEATO. Praça é o novo projeto que vai integrar o Hub Criativo do Beato. Lisboa, 09 out. 2020. <https://hubcriativobeato.com/noticia/praca-e-o-novo-projeto-que-vai-integrar-o-hub-criativo-do-beato/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

HUYSEN, Andreas. Nostalgia for Ruins. Grey Room, MIT Press Journals, n. 23, p. 6-21, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1162/grey.2006.1.23.6>.

JFB — JUNTA DA FREGUESIA DO BEATO. A nossa freguesia. História. Lisboa, n.d. Disponível em: <https://jfb-beato.pt/seculo-a-seculo/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

KENDZIOR, Sarah. Gentrificação: os perigos da economia urbana hipster. ArchDaily Brasil, 30 Nov 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/758003/gentrificacao-os-perigos-da-economia-urbana-hipster>. Acesso em: 24 set. 2018.

LARA, Larissa Michelle. O sentido ético-estético na cultura popular. 2004. 226p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LIPOVETSKI, Gilles; SERROY, Jean. Estetização do Mundo. Viver na era do capitalismo Artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 472p.

LÖNNERVALL, Solveig; SUNDELL, Michaela. Hub Criativo do Beato: For whom by whom? A narrative study of global entrepreneurial and creative urban practices in the eastern riverside of Lisbon. 2004. 50f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Design Urbano Sustentável). Escola de Arquitetura do Instituto Real de Tecnologia de Estocolmo, Estocolmo, 2018.

MELO E CASTRO, Rosário. Tudo o que vai acontecer no Hub Criativo do Beato, a nova microcervejeira de Lisboa. SAPO. Lisboa, 29 mai. 2018. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/visaose7e/sair/2018-05-29-tudo-o-que-vai-acon>

tecer-no-hub-criativo-do-beato-a-nova-microcerveja-de-lisboa/. Acesso em: 15 jan. 2020.

MONTANER, Josep Maria. A Modernidade Superada: Ensaaios sobre a arquitetura contemporânea. 2. ed. São Paulo: GG, 2012. 183p.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. Arquitetura e Política: Ensaaios para mundos alternativos. São Paulo: GG, 2014.

MOREIRA, Cristiana Faria. Vai ser feita cerveja na antiga central eléctrica da Manutenção Militar de Lisboa. Público, Lisboa, 29 mai. 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/05/29/local/noticia/vai-ser-feita-cerveja-na-antiga-central-electrica-da-manutencao-militar-de-lisboa-1832594>. Acesso em: 15 jan. 2020.

MOURA, Nuno Graça. Transformação da Antiga Central Eléctrica da Manutenção Militar em micro-cervejeira e restaurante Browsers Beato. Porto, n.d. Disponível em: <http://nunogracamoura.com/pt/099-2>. Acesso em: 15 jan. 2020.

NEVADO, Ana Catarina Serra. Da expansão à recentralização - do território ao património. A regeneração urbana da zona ribeirinha oriental de Lisboa (1964-1994). Lisboa, 2018, 289 p. Tese (Doutorado em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos). Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE – IUL, Lisboa, 2018.

NEVADO, Ana Catarina Serra. Resignificar lugares: regeneração urbana como processo de memória coletiva. O caso do Hub Criativo do Beato. In: PNUM2018: A Produção do Território: Formas, Processos, Desígnios, 2018, Porto. Atas do Congresso..., Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2020, p. 1893-1902.

NEVADO, Ana; ANDRÉ, Paula. Visões práticas e colaborativas em casos de regeneração urbana em Lisboa. In: ANDRÉ, Paula; RODRIGUES, Paulo Simões; ALVES, Margarida Brito (Ed.). Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL, 2018, p. 9-31.

NUNES, Diogo Ferreira. Super Bock Group investe três milhões em microcerveja no Beato. Dinheiro Vivo, Lisboa, 29 mai. 2018. Disponível em: <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/galeria/super-bock-group-investe-tres-milhoes-em-microcerveja-no-beato/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

OCHOA. Ana Rita. Dinâmicas de Crescimento em Metrôpoles Portuárias. Tensões a Oriente da Cidade de Lisboa. On the Whaterfront, n. 7, p. 30-41, set. 2005 Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Waterfront/article/view/217110>. Acesso em: 15 fev. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. A Partilha do Sensível: estética e política. São Paulo: EXO Experimental, 2005.

REIS E SILVA, Margarida. Para onde a indústria os levou: crescimento urbano de Marvila e Beato a partir de 1835. Cadernos do Arquivo Municipal, Lisboa, 2ª série, n.12, p. 117-140, jul.-dez. 2019.

SCALZOTTO, Joel Göransson. It's the Smart City, Stupid! A critical study of Smart narratives, Attraction Hysteria & the production of Smart Space in the European Green Capital 2020. Estocolmo, 2020, 75f. Dissertação (Mestrado em Globalização, Meio Ambiente e Mudança Social). Instituto de Geografia Humana da Universidade de Estocolmo, 2020a.

SCALZOTTO, Joel Göransson. Smart-Up Urbanism: Critical Reflections on a Hub, Urban Regeneration & Smart Cultural Imaginaries in Lisbon. Position Paper. Lisboa: Project ROCK Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2020b. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/44489>. Acesso em: 03 mai. 2021.

NUNES, Mafalda Corrêa; POGGEMANN, Tim; POME-SANO, Laura. Encontro com Agentes Culturais de Marvila e do Beato. Reseach Report. Lisboa: Project ROCK. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2020. Disponível em: <https://lisboa.rockproject.eu/wp-content/uploads/2020/08/Relat%C3%B3rio-World-Caf%C3%A9.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2021.

SOUTO MOURA, Eduardo. Eduardo Souto Moura e Nuno Graça Moura transformam antiga Central Eléctrica. Espaço de Arquitetura, Guimarães, 04 Jun. 2020. Disponível em: <https://espacodearquitetura.com/noticias/eduardo-souto-moura-e-nuno-graca-moura-transformam-antiga-central-electrica/>. Acesso em: 03 jul. 2020.